

Angela Chagas
(PG-IEL-UNICAMP)

Estrutura argumental dos verbos descritivos Apurinã

ABSTRACT: In this work, we present the main features of Apurinã descriptive verbs, with respect to their derivational morphology; morphosyntactic behavior (different types of pronominal grouping and S-Split S-Fluid); and semantic behavior (opposition between stage/individual-level predicates, and distinction between types of Aktionsart). From this, we aim to investigate their argument structure, based on Hale and Keyser's theory (2002), in order to observe whether the morphological processes can contribute to the understanding of their meaning and structure.

KEYWORDS: Subjective Descriptive Verbs; Objective Descriptive Verbs; Ambivalent Descriptive Verbs, Argument Structure.

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos as principais características dos verbos descritivos em Apurinã: sua morfologia derivacional; seu comportamento morfossintático (diferentes tipos de agrupamento pronominal e S-Cindido e S-Fluido); e seu comportamento semântico (oposição entre stage/individual-level predicates e distinção entre tipos de aktionsart;). A partir disso, investigamos a estrutura argumental dos mesmos, com base na teoria de Hale e Keyser (2002), a fim de observar até que ponto os processos morfológicos contribuem para o entendimento da semântica e estrutura de tais verbos.

PALAVRAS-CHAVE: Verbos Descritivos Subjetivos; Verbos Descritivos Objetivos; Verbos Descritivos Ambivalentes; Estrutura Argumental.

1. INTRODUÇÃO

Apurinã é uma língua Aruák, falada pelo povo que se autodenomina *Popŷkarywakury* (Facundes 2000:3), que habita a região do vale do rio Purus – nos estados de Rondônia e Amazonas (Schiel 2004: 56). Dados do Instituto Socioambiental (ISA) apontam a existência de mais de 3.200 pessoas pertencentes a esta etnia, no entanto, apenas 30% deles ainda falam sua língua nativa (Facundes 2000: 4).

De acordo com Facundes (2000: 277) a língua Apurinã possui duas classes de verbos intransitivos: intransitivos padrão e intransitivos descritivos. Uma distinção entre elas é que a primeira pode carregar apenas as marcas pronominais de sujeito agregadas à sua raiz, enquanto que a segunda pode carregar tanto as marcas pronominais de sujeito, quanto as de objeto, como detalharemos no tópico 2.

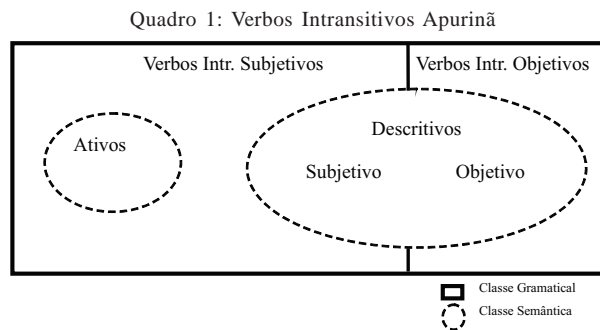
Outra distinção existente entre esses dois tipos verbais é de natureza semântica: os verbos intransitivos padrão são aqueles que expressam ações, eventos e processos; enquanto que os verbos intransitivos descritivos se referem a conceitos de propriedade, tal como os adjetivos nas línguas que possuem essa categoria de palavras (Facundes 2000: 277-278).

Levando em consideração o comportamento semântico e morfossintático dos verbos descritivos, Chagas (2007: 68) os divide em três subclasses: subjetivos, objetivos e ambivalentes. O rótulo que cada subclasse recebe está relacionado com a série de afixos pessoais que cada tipo de verbo seleciona como argumento e com as diferenças existentes quanto ao seu comportamento morfossintático (Ver. detalhes no tópico 3).

Chagas (2007: 115) observou que formalmente os verbos descritivos subjetivos se assemelham aos intransitivos ativos – uma vez que ambos carregam a mesma série de afixos pronominais (subjetiva) e são formados pelo mesmo processo derivacional (sufixal); ao contrário dos verbos descritivos objetivos, que carregam a série de afixos pronominais objetivos e sofre derivação prefixal.

A partir disso, Chagas (2007: 116) considera, de acordo com as orientações de Dixon (1981),¹ que os verbos descritivos subjetivos e os intransitivos ativos são duas categorias semânticas distintas que fazem parte de uma mesma classe gramatical, a qual chamaremos de Verbos Intransitivos Subjetivos. Esta classe se opõe formalmente a dos verbos descritivos objetivos, que, por isso, serão chamados de Verbos Intransitivos Objetivos.

Neste trabalho, atentaremos principalmente para a classe semântica dos verbos descritivos, considerando o fato de esta estar diluída em classes gramaticais distintas, como pode ser vista na ilustração abaixo:



O objetivo deste trabalho é analisar a estrutura argumental da categoria semântica chamada descritiva da língua Apurinã, com base na teoria de Hale e Keyser (2002), a fim de observar até que ponto os processos morfológicos influenciam a semântica de tais verbos e sua relação com seus especificadores e/ou complementos.

2. MORFOLOGIA DOS VERBOS DESCRITIVOS

Os verbos descritivos, bem como as demais classes de verbos na língua Apurinã, podem ser inerentemente verbais ou derivados, tanto de uma raiz nominal, quanto de uma raiz acategorial, ou seja, aquela que necessita de outro morfema para participar de alguma categoria gramatical e se realizar fonologicamente.

¹ Para este autor, não é a semântica que determina a classe gramatical de uma palavra, mas sim suas características sintáticas e/ou morfológicas.

Os verbos descritivos subjetivos seguem o mesmo processo de derivação dos verbos não-descritivos, isto é, transitivos e intransitivos ativos, que se realiza através do acréscimo do verbalizador sufixal *-ta* (cf. Facundes 2000).

Ao contrário de todos os demais verbos da língua, os verbos descritivos objetivos sofrem uma derivação prefixal, que pode ser feita através de quatro grupos de morfemas:

2.1. Verbalizadores *ka-* e *pu-*: derivam verbos descritivos de raízes nominais ou acategoriais.

(1)	<i>tapu</i>	‘arco’	(2)	<i>pyse</i>	‘cheiro’
	<i>ka-tapu</i>	‘ser.torto’		<i>pu-pyse</i>	‘ser.cheiroso’
	<i>ka-tapu-ry</i>	‘ele é torto’		<i>pu-pyse-ru</i>	‘ela é cheirosa’
	VBLZ-arco-3SG.M			VBLZ-cheiro-3SG.F	

2.2. Verbalizadores Intensificadores *pa-* e *my-*: potencializam a semântica dos verbos descritivos objetivos.

Verbalizador Intensificador *pa-*:

(3a)	<i>pu-txua-ry</i>	<i>txipary</i>	(3b)	<i>pa-txua-ry</i>	<i>txipary</i>
	VBLZ-doçura-3SG.M	banana		VBLZ.INT-doçura-3SG.M	banana
	‘a banana é doce’			‘a banana é muito doce’	
				(‘a banana é dulcíssima ’)	

Verbalizador Intensificador *my-*:

(4a)	<i>pu-nhiku-ry</i>	<i>ximaky</i>	(4b)	<i>my-nhiku-ry</i>	<i>ximaky</i>
	VBLZ-gosto-3SG.M	peixe		VBLZ.INT-gosto-3SG.M	peixe
	‘o peixe é gostoso’			‘o peixe é muito gostoso’	
				(‘o peixe é gostosíssimo ’)	

2.3. Verbalizador Privativo *ma-*: priva a entidade descrita da semântica expressa pelo descritivo objetivo. É usado para formar o antônimo desses verbos.

(5a)	<i>pu-tima-ry</i>	<i>manyty</i>	(5b)	<i>ma-tima-ty</i>	<i>manyty</i>
	VBLZ-ligeiro-3sg.m	veado		VBLZ.PRIV-ligeiro-3SG.M	veado
	‘o veado é ligeiro’			‘o veado não é ligeiro’	
				(‘O veado é lento’)	

2.4. Reversivo *wẽ-*: reverte/cancela o significado negativo atribuído ao verbo descritivo com o qual ocorre.

(6)		(7)	
(a)	<i>ere-ry</i>	(a)	<i>ka-ereka-ru</i>
	ser.bonito-3SG.M		VBLZ-ser.bom-3SG.F
	‘ele é bonito’		‘ela é boa’

- (b) *ma-ere-ty*
VBLZ.PRIV-ser.bonito-3SG.M
'ele **não** é bonito' ('ele é feio')
- (b) *ma-ereka-ru*
VBLZ.PRIV.-ser.bom-3SG.F
'ela **não** é boa' ('ela é má')
- (c) *ma-wẽ- ere-ty*
VBLZ.PRIV-VBLZ.REV-ser.bonito-3SG.M
'ele é bonito, sim'
- (c) *ma-wẽ- ereka-ru*
VBLZ.PRIV-VBLZ.REV-ser.bom-3SG.F
'ela é boa, sim'

Os verbos descritivos objetivos compartilham aspectos de sua morfologia flexional com os demais verbos em Apurinã (cf. Chagas 2007). No entanto, no que diz respeito à sua morfologia derivacional, eles se distinguem dos outros verbos por apresentarem um processo de derivação prefixal, com morfemas que também só ocorrem com esta classe de verbos. Esse fato os diferencia formalmente dos verbos descritivos subjetivos, que sofrem processo de derivação sufixal (*-ta*).

3. MORFOSSINTAXE DOS VERBOS DESCRITIVOS

A língua Apurinã possui duas classes de marcas pronominais: uma que se agrega à esquerda da raiz verbal e funciona como sujeito (morfológico) dos verbos transitivos – e como marcadores de posse quando ocorrem com nomes – e outra que se agrega à direita da raiz verbal e funciona como objeto (morfológico) dos verbos transitivos (Facundes 2000: 141).

Tabela 01: Marcadores Pronominais

PESSOA/ GÊNERO	PRONOMES SUBJETIVOS		PRONOMES OBJETIVOS	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1	<i>ny-</i>	<i>a-</i>	<i>-nu</i>	<i>-wa</i>
2	<i>py-</i>	<i>hĩ-</i>	<i>-i</i>	<i>-i</i>
3m	<i>y-</i>	<i>y-...(-na)²</i>	<i>-ry</i>	<i>-ry</i>
3f	<i>u-</i>	<i>y-...(-na)</i>	<i>-ru</i>	<i>-ru</i>

² De acordo com Facundes (2000: 271), a terceira pessoa do plural (*y-*) encontra-se em “uma relação de dependência descontínua com o marcador de plural (*-na*), dessa forma *y-* e *-na* irão sempre co-ocorrer, a fim de codificar a terceira pessoa do plural”. Porém, *-na* possui posição própria em relação ao verbo e pode co-ocorrer com outros morfemas em posição sufixal, inclusive com os marcadores de objeto.

Quando as formas pronominais livres³ e os SNs que servem de argumento para o verbo encontram-se em posição pós-verbal, os marcadores pronominais aparecem agregados ao verbo, mantendo uma relação de co-referencialidade com tais formas pronominais livres e SNs. Do contrário, se as formas pronominais livres e os SNs estão em posição pré-verbal, a co-ocorrência dos marcadores pronominais não é possível (Facundes 2000: 382-3/406-7).

Nos intransitivos ativos, a única recorrência pronominal possível é a dos afixos que funcionam como sujeitos na oração transitiva, enquanto que os verbos intransitivos descritivos podem carregar ora uma, ora outra série de afixos pronominais, dependendo do verbo em questão. Aos verbos descritivos que podem carregar apenas os pronomes de sujeito, foi dado o nome de Subjetivos; aos que só podem carregar os pronomes de objeto, chamou-se Objetivos; e aos que podem carregar ambas as séries pronominais (de forma exclusiva), deu-se o nome de Ambivalentes (Chagas 2007).

(8) Verbos Descritivos Subjetivos

- (a) *ny-pysyna-ta* (b) *p-amiana-ta* (c) *y-natxi-ta*
 1SG-estar.com.sede-VBLZ 2SG-estar.doente-VBLZ 3SG.M-estar.com.fome-VBLZ
 ‘eu estou com sede’ ‘você está doente’ ‘eu estou com fome’

(9) Verbos Descritivos Objetivos

- (a) *ka-txiku-nu* (b) *pa-xuku-i* (c) *pa-tima-ry* *manitxi*
 VBLZ-sujo-1SG VBLZ-alegre-2SG VBLZ-SER.rápido-3.SG.M veado
 ‘eu sou/vivo sujo’ ‘você é alegre’ ‘o veado é ligeiro’

(10) Verbos Descritivos Ambivalentes

Subjetivos:

- (a) *ny-hereka* (b) *py-pĩ kare-ta* (c) *y-kiumanitxi*
 1SG-estar.bom 2SG-estar.com.medo-VBLZ 3SG.M-estar.velho
 ‘eu estou bom (curado)’ ‘você está com medo’ ‘ele está velho’

Objetivos:

- (d) *hereka-nu* (e) *ka-pĩ kare-i* (f) *kiumanitxi-ry*
 ser.bom-1SG VBLZ-ser.medroso-2SG ser.velho-3SG.M
 ‘eu sou bom’ ‘você é medroso’ ‘ele é velho’

³ Tabela de Formas Pronominais Livres: (podem ser usados como sujeito e objeto).

Pessoa e Gênero		1	2	3m	3f
Formas Pronominais	<i>Singular</i>	<i>Nuta</i>	<i>Pite</i>	<i>Ywa</i>	<i>Uwa</i>
	<i>Plural</i>	<i>Ata</i>	<i>Hite</i>	<i>Ynawa</i>	<i>Ynawa</i>

O principal efeito deste fenômeno na língua é que ele divide o modelo de relação gramatical da mesma, uma vez que os verbos transitivos e os intransitivos ativos seguem o modelo Nominativo-Acusativo (Dixon 1994), enquanto que os verbos descritivos seguem o modelo de Intransitividade Cindida, já que há verbos descritivos que marcam (S) como (A); outros que marcam (S) como (P⁴); e outros que podem marcar (S) tanto como (A), quanto como (P) (Payne 1997).

De acordo com Payne (1997: 144), Intransitividade Cindida é o fenômeno através do qual uma língua pode marcar o seu argumento intransitivo (S) de duas ou mais formas possíveis. As línguas que distinguem Sa e Sp podem ser de dois tipos: S-Cindido e S-Fluido.

O sistema S-Cindido é aquele no qual cada verbo apresenta um conjunto de regras sintáticas, com marcação de caso ou *cross-referencing*, que são realizadas sempre da mesma maneira. Ou seja, nesse sistema, os verbos intransitivos são divididos em dois grupos, um ocorrendo exclusivamente com Sa e outros exclusivamente com Sp, independentemente da semântica do verbo num contexto particular de uso (Dixon 1994: 71).

O sistema S-Fluido emprega regras sintáticas para os verbos transitivos – que apresentam clara distinção entre quem controla e quem é controlado pela ação expressa pelo verbo, ou seja, um (A)gente e um (P)aciente, respectivamente; e regras semânticas para os intransitivos – que só apresentam um argumento (S). Nesse caso, é a semântica do verbo, numa dada situação, que determina se ação do verbo é controlada ou não pelo agente, caso seja, o argumento receberá a marcação Sa, do contrário, será marcado como Sp (Dixon 1994: 71).

De acordo com os dados que temos da língua Apurinã, pode-se observar que os verbos descritivos subjetivos e os objetivos pertencem ao modelo S-Cindido, uma vez que podem carregar apenas uma série pronominal,⁵ independente da situação de uso dos mesmos. Ao contrário destes, os verbos descritivos ambivalentes enquadram-se no modelo S-Fluido, uma vez que a mesma raiz verbal pode carregar ora uma, ora outra série de afixos pronominais.

Compreender a morfossintaxe dos verbos descritivos é importante porque é preciso se ter isso claro para compreender como a semântica verbal influencia a distribuição pronominal.

4. SEMÂNTICA DOS VERBOS DESCRITIVOS

É possível observar nos dados, que há uma distinção semântica entre as subclasses de verbos descritivos. Tal distinção parece estar relacionada ao aspecto verbal distinto que cada uma das subclasses possui. A diferença consiste em que os verbos descritivos subjetivos denotam estados mais passageiros, enquanto que os verbos descritivos objetivos codificam estados mais duradouros. Essa generalização se estende também aos verbos descritivos ambivalentes, dependendo da série de afixos pronominais que carreguem na ocasião.

⁴ Embora Dixon (1994), use as marcações (S), (A) e (O), preferimos utilizar (P) em lugar do último, de acordo com a terminologia de Comrie (1976), uma vez que acreditamos ser mais coerente opor à noção de (A)gente, à de (P)aciente, e não à de (O)bjeto.

⁵ Todos os descritivos subjetivos foram testados com pronomes de objeto e todos os descritivos objetivos foram testados com pronomes de sujeito com os falantes nativos, e todas as sentenças foram rejeitadas por todos os falantes.

Em outras palavras, a semântica dos verbos descritivos objetivos aponta para características que o elemento descrito realmente possui em essência, e não àquelas que ele adquire e/ou perde com facilidade. Propriedades passageiras são codificadas pelos verbos descritivos subjetivos.

(11) *V. Descritivos Subjetivos*

Pron- <i>keraka</i>	‘estar magro’
Pron- <i>thymata</i>	‘estar cansado’
Pron- <i>matuninawata</i>	‘estar bravo’
Pron- <i>enenĩka</i>	‘estar alegre’

(12) *V. Descritivos Objetivos*

<i>maxinyke</i> -Pron	‘ser magro’
<i>saka</i> -Pron	‘ser cansado’
<i>neenama</i> -Pron	‘ser bravo’
<i>xuku</i> -Pron	‘ser alegre’

Essa distinção aproxima-se da existente entre os verbos “ser” e “estar” do Português. Ou seja, se o elemento descrito “é” alguma coisa, a semântica verbal será codificada por um verbo que exige a presença de um pronome ou de uma marca pronominal de objeto. Ao contrário, se o elemento descrito “está” em algum estado, a semântica verbal será representada por um verbo que carregue um pronome ou um afixo pronominal de sujeito.

A diferença existente entre os verbos descritivos subjetivos e objetivos parece estar de acordo com as ideias de Carlson (1977), que notou que os predicados podem ser divididos em duas classes naturais: *individual-level predicates* e *stage-level predicates*.

De acordo com Chierchia (1995: 176), *individual-level predicates* (*i-level predicates*) são aqueles que expressam propriedades que são permanentes ou tendencialmente estáveis nos indivíduos, ao passo que os *stage-level predicates* (*s-level predicates*) atribuem aos indivíduos propriedades transitórias ou episódicas.

Kratzer (1995) aponta algumas distinções fundamentais entre os *i-level predicates* e os *s-level predicates*. Citaremos aqui apenas as que são relevantes para este trabalho. Em termos gerais, os *i-level predicates* caracterizam-se, principalmente, por expressarem propriedades permanentes ou geralmente estáveis (ex: João é alto); e por permitirem uma leitura com sentido universal, quando estes se apresentam no plural (ex: Homens são mortais).

Tais características podem ser aplicadas aos verbos descritivos objetivos, pois eles possuem uma semântica aspectual duradoura e, em alguns casos, podem ser interpretados como tendo uma leitura universal.

(13) *Propriedade Permanente*

a)	<i>katsupy-ry</i>	<i>hũwu</i>	b)	<i>pumama-nu</i>
	ser.branco-3SG.M	flor		ser.preto/negro-1SG
	‘a flor é branca’			‘eu sou negro’

(14) *Leitura Universal*

a)	<i>ka-tima-ry</i>	<i>manity-waku-ry</i>
	VBLZ-ser.ligeiro-3SG.M	veado-PL-3SG.M
	‘veados são ligeiros’	

- b) *ka-tāta-ry* *umunu-waku-ry*
 VBLZ-ser.escamoso-3SG.M cobra-PL-3SG.M
 ‘as cobras são escamosas’

Os s-level predicates caracterizam-se, entre outras coisas, por atribuírem aos indivíduos propriedades transitórias ou sazonais; e por possuírem uma posição argumental extra para eventos ou locações espácio-temporais, enquanto que os *i-level predicates* carecem dessa posição (Kratzer 1995: 126).

Os verbos descritivos subjetivos parecem estar de acordo com o que é previsto para os *s-level predicates*, uma vez que estes possuem uma semântica aspectual passageira e podem ser modificados/acompanhados por locativos de espaço e/ou tempo.

(15) *Propriedade Passageira*

- (a) *ny-sytyka-pe* (b) *py-sāpaka*
 1SG-ser.fedorento-PFV 2SG-estar.cansado
 ‘eu estou fedorento’ ‘você está cansado’

Presença de Locativos

(16) *Locativo Espacial*

- (a) *y-typāka* *kanawa* (b) *y-serīkanā-ta* *keko*
 3SG.M-estar.sentado canoa 3SG.M-estar.deitado-VBLZ rede
 ‘ele está sentado na **canoa**’ ‘ele está deitado na **rede**’

(17) *Locativo Temporal*

- (a) *ny-natxita* *watxa*
 1SG-estarcom.fome agora/hoje
 ‘eu estou com fome **agora**’
- (b) *a-makaxaka* *txa-ry* *komeru-pe* *y-payaka-sawaku*⁶
 1PL-levar AUX-3SG.M mandioca-polpa 3SG.M-estar.mole-TEMP
 ‘**quando** ela está mole, nós levamos a polpa da mandioca’

(Retirado de Facundes 2000: 611)

Segundo Chierchia (1995: 177), decidir se um estado é transitório ou estável pode ser difícil. Por isso, às vezes, um mesmo estado pode ser visto igualmente como estável ou transitório (ex.: *be sick* – que em português pode ser traduzido como “ser” - cronicamente - ou “estar” – sazonalmente - doente). Esse tipo de estado pode ser classificado como pertencente a ambas as classes (*i-level* e *s-level predicates*). Em Apurinã, isso pode ser representado pela classe dos verbos descritivos ambivalentes que apresentam o mesmo verbo com sentido ora transitório, ora permanente.

⁶ **-sawaku** é um advérbio de tempo que ocorre preso aos verbos, na língua Apurinã (cf. Facundes 2000: p. 610).

(18) *V. Descritivos Ambivalentes*
como *I-level Predicate*

u-pĩkare-ta
3SG.F-estar.com.medo-VBLZ
'ela está com medo'

(19) *V. Descritivos Ambivalentes*
como *S-level Predicate*

pa-pĩkare-ru
VBLZ-ser.medroso-3SG.F
'ela é medrosa'

Os verbos descritivos subjetivos e objetivos possuem suas noções semânticas motivadas por uma distinção aspectual, que parece já estar lexicalizada. Isto é, determinados verbos expressam exclusivamente a noção de “permanência”, enquanto que outros, a noção de “transitoriedade”, o que configura a distinção entre duas categorias de *aktionsart*.

Aktionsart é o aspecto lexical de um verbo, isto é, uma das formas na qual ele está estruturado em relação ao tempo (Bybee 1985: 21). De acordo com Vendler (1957), existem quatro tipos de *aktionsart*, sendo que um dele é referente aos verbos de estado, que são não-dinâmicos e temporalmente ilimitados.

Os verbos descritivos subjetivos e objetivos apresentam *aktionsart* definida, uma vez que cada uma dessas subclasses apresenta um aspecto semântico unilateral, ou seja, há verbos distintos para expressar uma mesma noção semântica com aspecto lexical variado (Ver. exemplos 11 e 12).

Em oposição aos verbos descritivos subjetivos e objetivos, os verbos descritivos ambivalentes podem expressar tanto a noção de “ser”, quanto de “estar”, dependendo do processo derivacional (prefixal ou sufixal) e da série pronominal realizados com um tema verbal pertencente a essa subclasse. Isso significa que esse tipo de verbo apresenta uma *aktionsart* indefinida.

(20) *V. Descritivos Ambivalentes*

Pron-*pĩkare* 'estar com medo'
Pron-*ĩpua* 'estar gordo'
Pron-*txua* 'estar doce'

pĩkare-Pron 'ser medroso'
ĩpua-Pron 'ser gordo'
txua-Pron 'ser doce'

5. HIPÓTESE DE FORMAÇÃO DOS VERBOS DESCRITIVOS

A partir da comparação entre os distintos processos derivacionais e das características semânticas dos verbos descritivos, é possível dizer que a morfologia derivacional é responsável por definir o aspecto semântico de cada verbo (subjetivo ou objetivo). Ou seja, o processo de derivação prefixal forma verbos cuja semântica aspectual é mais duradoura, enquanto que a derivação sufixal forma verbos com uma semântica aspectual mais passageira.

Como dito anteriormente, a semântica dos verbos descritivos parece selecionar a série pronominal que vai servir de argumento para o verbo. Diante do comportamento morfológico de cada tipo de descritivo, e das características semânticas dos mesmos, levantamos a hipótese de que é o processo derivacional que define a semântica de cada verbo, e esta seleciona o tipo de pronome que ocorrerá com ele. O quadro abaixo resume os fatos relevantes discutidos até o momento:

DERIVAÇÃO →	SEMÂNTICA →	SÉRIE PRONOMINAL
Sufixal	Passageira	Subjetiva
Prefixal	Duradoura	Objetiva

A proposta torna-se muito clara quando olhamos, principalmente, para os verbos descritivos ambivalentes, que são originários de uma mesma raiz e podem sofrer ambos os processos de derivação (prefixal e sufixal).

A partir da derivação, prefixal ou sufixal, forma-se um tema verbal, cuja semântica será de aspecto duradouro ou passageiro, respectivamente. Só após este processo, é que o verbo selecionará o grupo de pronomes (objetivos, se a derivação for prefixal; ou subjetivos, se a derivação for sufixal) que lhe servirão como complemento.

Embora este processo seja mais claro quando comparamos a oposição entre os verbos descritivos ambivalentes, ele se estende também aos verbos descritivos subjetivos e objetivos. A partir dessa análise, pode-se dizer que a estrutura argumental de um verbo descritivo em Apurinã é:⁷

<i>Classe Subjetiva:</i>	PRON-RZ-VBLZ
<i>Classe Objetiva:</i>	VBLZ-RZ-PRON

6. ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS DESCRITIVOS

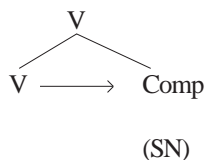
A estrutura argumental, doravante EA, refere-se “às configurações sintáticas projetadas por um item lexical”. Em outras palavras, trata-se de relações estruturais que um núcleo mantém com seus argumentos (Hale e Keyser 2002: 1).

Segundo Hale e Keyser (2002: 1), a EA é determinada, principalmente, pela configuração sintática na qual os itens lexicais devem aparecer. Há apenas duas relações sintáticas, que se definem de modo a impedir repetições e permitir apenas ramificações binárias, a saber: complemento e especificador.

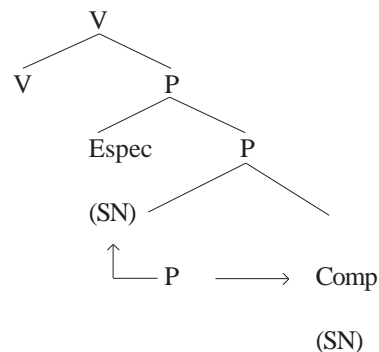
Os autores apresentam, inicialmente, três principais tipos de EA: Estrutura Monádica (I), onde o núcleo, que é um verbo, projeta apenas um argumento, que é o seu complemento (SN), esta estrutura é responsável pela formação de verbos denominais. Estrutura Diádica Básica (II), na qual o núcleo é uma preposição, que projeta dois argumentos internos: complemento (SN) e especificador (SN), esta estrutura gera verbos depreposicionais. Finalmente, Estrutura Diádica Composta (III), em que o núcleo que também é um verbo, projeta o complemento (Adj) e este dois juntos projetam o especificador (SN). Em Inglês, esses são os núcleos mais comumente encontrados nestas estruturas e isso parece ser uma tendência nas línguas; no entanto, línguas diferentes podem realizar outros núcleos para as mesmas estruturas.

⁷ As estruturas apresentadas abaixo são válidas também para os Verbos Descritivos Ambivalentes, quando estes carregam os pronomes de sujeito e de objeto, respectivamente.

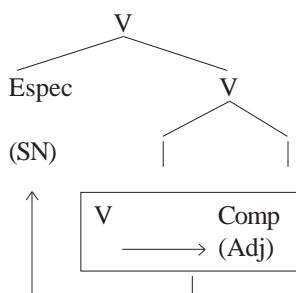
(I) Estrutura Monádica:



(II) Estrutura Diádica Básica:



(III) Estrutura Diádica Composta:



Hale e Keyser (2002: 9-10) chamam a estrutura acima de “composta” porque ela é constituída por duas estruturas monádicas, que uma vez combinadas satisfazem os requisitos de ambos os núcleos lexicais: o adjetivo satisfaz o complemento requerido pelo verbo e este oferece um lugar ao especificador requerido pelo adjetivo.

Além das três estruturas acima, Hale e Keyser (2002: 206) propõem uma estrutura especial (chamada Delta) para os “predicados adjetivos autônomos”.

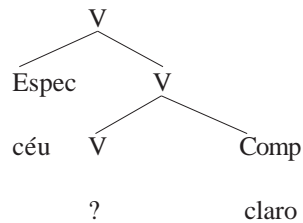
A proposta dos autores diz que na EA dos “adjetivos”⁸ há “um núcleo verbal que serve não apenas para projetar uma categoria verbal (i. e. para ‘verbalizar’ o adjetivo), mas também para sediar o especificador requerido por A” (Hale e Keyser 2002: 205). A projeção da categoria verbal a partir de um adjetivo acontece via *conflation*.⁹

No entanto, segundo os autores, essa solução resolve apenas o problema de adjetivos verbalizados, ou seja, de verbos deadjetivais (Ex: clarear, avermelhar, escurecer). Quando o adjetivo não está verbalizado (Ex: claro, vermelho, escuro), parece faltar a ele a sede para o especificador que ele requer (Hale e Keyser 2000: 206).

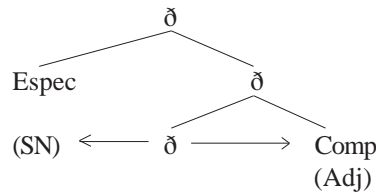
⁸ Aqui os autores se referem à Estrutura Diádica Composta, que deriva verbos a partir de adjetivos.

⁹ “*Conflation* é um tipo específico de incorporação, conforme uma versão especial da Restrição de Movimento de Núcleo, de acordo com a qual a matriz fonológica de um complemento substitui a matriz vazia do núcleo regente” (Hale e Keyser 2002: 11). (Minha tradução)

(21) “Eu gosto do [céu claro]”



Hale e Keyser (2002: 206) afirmam que o adjetivo sozinho não pode projetar o SN na posição de especificador. Esta posição é gerada pelo núcleo (V), e seu complemento (Adj), que juntos formam uma subestrutura que requer o especificador (p. 9). O problema é que na estrutura com uma *small clause*, como a acima, não há um candidato para projetar o especificador. A solução proposta pelos autores é que no caso das *small clauses*, há um núcleo funcional – o grau do adjetivo – que além de definir a projeção de (Adj), também projeta a posição do especificador requerido para concluir o licenciamento do adjetivo (Hale e Keyser 2002: 207). Para a representação dessa projeção, é que os autores propõem a Estrutura Delta:



De acordo com Hale e Keyser (2002: 207), como núcleos da estrutura Delta, podemos encontrar morfemas de grau absoluto e de grau comparativo, que podem ou não se realizar fonologicamente, dependendo da língua em questão. Uma vez que esses núcleos funcionais são afixos exclusivamente adjetivais, eles só podem c-selecionar um adjetivo como seu complemento.

Formalmente, como se pode observar, a estrutura Delta também é diádica, uma vez que seu núcleo projeta duas posições argumentais, correspondentes ao complemento e ao especificador. No entanto, Hale e Keyser (2002: 207) chamam a atenção para uma importante diferença entre as estruturas “V” e “ð”: a natureza de seus núcleos. Embora ambos selecionem para seus complementos adjetivos e para seus especificadores SNs, eles diferem consistentemente em relação à estatividade. A estrutura com núcleo “V” é não-estativa, enquanto que a estrutura com núcleo “ð” é estativa.

Hale e Keyser (2002) propõem uma breve discussão sobre a estatividade, levantando alguns pontos interessantes. Segundo eles, em algumas línguas, os verbos são responsáveis por projetarem estruturas associadas a uma interpretação ativa e outras categorias lexicais (como adjetivos) projetam estruturas associadas a interpretações estativas. Porém, é sabido que em grande número de línguas, há verbos que são estativos, como por exemplo, verbos psicológicos com sujeito experienciador (Ex.: João temia a

verdade), o que demonstra que a estatividade não é uma questão de categoria lexical. Verbos psicológicos com sujeito experienciador são considerados estativos porque fazem parte de uma estrutura diádica que envolve uma Coincidência Central e não Terminal (Hale e Keyser 2002: 208).

A coincidência central é a relação na qual a “propriedade coincide temporal e especialmente com a entidade” (Hale e Keyser 2002: 220). Ou seja, há uma relação de identidade entre a entidade (especificador) e seu atributo (complemento). (Ex.: João é professor – onde [João] e [professor] mantém uma relação de identidade/equação).

A coincidência terminal é uma relação na qual “a entidade denotada pelo especificador sofre uma mudança, cujo ponto final é a posse do atributo denotado pelo complemento” (Hale e Keyser 2002: 19-20). (Ex.: Maria emagreceu/Maria ficou magra/Maria está magra).

Para Hale e Keyser (2002: 221), a oposição entre a coincidência central e a coincidência terminal podem ser representadas pelos verbos “Be” (Ser) e “Become” (Tornar-se), respectivamente.

De acordo com os autores, a relação de coincidência central corresponde, sistematicamente, à estatividade (Hale e Keyser 2002: 218), portanto, se uma estrutura é projetada por uma coincidência central, ela é inerentemente estativa (Hale e Keyser 2002: 209), o que sugere que a estatividade seja não uma propriedade de uma categoria lexical, mas sim de um tipo de construção.

Finalmente, Hale e Keyser (2002: 216) dizem que a estatividade é uma propriedade autônoma, e por isso, diferentes núcleos sintáticos podem projetar predicados estativos. A estatividade, então, é o resultado da capacidade desse núcleo projetar estruturas que expressam uma relação de coincidência central, em oposição aos núcleos que projetam estruturas que expressam uma coincidência terminal.

Para Hale e Keyser (2002: 218), esta oposição entre coincidência central e coincidência terminal é uma propriedade fundamental de certos núcleos sintáticos e uma vez que a estatividade identifica-se com a coincidência central, é possível que essa identidade seja a única forma em que a estatividade seja atribuível a um núcleo.

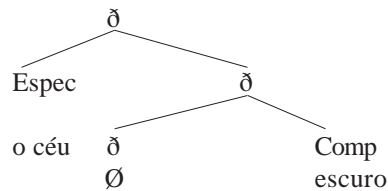
A partir dessa discussão, os autores apresentam três possíveis tipos nucleares, que podem ser inerentemente estativos (Hale e Keyser 2002: 219):

- a) o núcleo que define a projeção expandida de A (i. e. a categoria δ);
- b) a cópula, morfologicamente uma subclasse da categoria V(erbo); e
- c) uma subclasse da categoria P(reposição)¹⁰.

Todos esses tipos de núcleo envolvem uma coincidência central, já que seu especificador corresponde a uma entidade que possui o atributo denotado pelo complemento; e, por isso, são representados através da estrutura δ , ilustrada por uma *small clause*, como no exemplo abaixo:

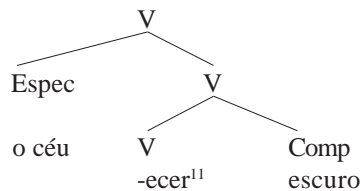
¹⁰ Como a língua Apurinã não possui preposição, esse tipo de núcleo não será considerado por nós.

(22) Eu vi o céu escuro



A estrutura acima se opõe à estrutura V que envolve uma coincidência terminal e pode ser representada por uma sentença incoativa.

(23) O céu escureceu



De acordo com as características dos verbos descritivos apresentadas até o momento e com o que discutem Hale e Keyser (2002) sobre as estruturas possíveis para os “adjetivos”, propomos representar os verbos descritivos subjetivos através da Estrutura V e os verbos descritivos objetivos através da Estrutura δ .

Tais escolhas se justificam porque, de acordo com o que é previsto na teoria para a estrutura V, os verbos descritivos subjetivos:

- a) São predicados tipo *Stage-level* (pois possuem propriedades transitórias/episódicas/adquiridas); e conseqüentemente,
- b) Envolvem coincidência terminal (já que a entidade sofre uma mudança que culmina com a posse do atributo); portanto,
- c) São incoativos (se considerarmos que eles representam uma mudança de estado na entidade que figura como seu especificador) enquanto que, de acordo com o que é previsto para a estrutura δ , os verbos descritivos objetivos:

- a) São predicados do tipo *Individual-level* (pois possuem propriedades permanentes/estáveis/inerentes); e conseqüentemente,
- b) Envolvem coincidência central (já que a entidade coincide/identifica-se com a propriedade/atributo); portanto,
- c) São copulativos (se considerarmos, como Hale e Keyser (2002), que as cópulas são inerentemente estativas).

¹¹ Hale e Keyser (2002) afirmam que o núcleo da categoria V varia de língua para língua. Em Inglês, ele não se realiza fonologicamente. Para os exemplos em Português, estamos considerando como núcleo da categoria V, os morfemas formadores de verbo, como: -ar; -er; -ir; -ecer; -izar, etc.

Assim, a representação dos verbos descritivos da língua Apurinã, nas referidas estruturas, se dá das seguintes maneiras:¹²

(24) *V. Descritivos Subjetivos na Estrutura V*

<i>hākite</i>	<i>natxi-ta</i>	
onça	estar.faminto-VBLZ	
‘a onça está faminta’		

(25) *V. Descritivos Objetivos na Estrutura ð*

<i>ma-ĩta-nu</i>	
PRIV-ser.alto-1SG	
‘eu não sou alto’ (‘eu sou baixo’)	

É importante dizer que em construções em que há co-ocorrência de afixos pronominais e pronomes livres/SNs serão considerados como especificador o pronome livre ou SNs que completa o sentido do verbo; no entanto, em casos em que houver apenas a ocorrência dos afixos pessoais completando o sentido do verbo, esses é que serão considerados como o especificador.

Na estrutura V, projetada em (24) para representar os verbos descritivos subjetivos, tem-se um núcleo (V), representado pelo verbalizador *-ta* – que projeta o complemento e juntos projetam o seu especificador.

Em relação à estrutura ð, projetada em (25) para representar os verbos descritivos objetivos, o núcleo (ð) é codificado pelo verbalizador *ma-*; que projeta tanto o complemento, quanto seu especificador.

Consideramos os verbalizadores dos verbos descritivos objetivos como núcleo da estrutura Delta, porque eles fazem parte de uma morfologia que é exclusiva deste tipo de verbos na língua; da mesma maneira que, os morfemas de grau fazem parte da morfologia exclusivamente adjetiva, tal como prevê a teoria de Hale e Keyser (2002) para a referida estrutura.

Outro fator que nos levou a considerar esses morfemas como o núcleo da estrutura Delta, é o seu conteúdo semântico, pois tais morfemas apresentam propriedades que se assemelham àquelas encontradas nos adjetivos.

Os Intensificadores *pa-* e *my-* (exemplificados em 3a, 3b, 4a, 4b), são utilizados para potencializar a qualidade expressa pelo verbo descritivo objetivo, à semelhança do que fazem os morfemas de grau comparativo e superlativo.

¹² Os descritivos ambivalentes serão representados tal como os subjetivos quando carregarem um pronome de sujeito, enquadrando-se na estrutura V; e como objetivos quando carregarem um pronome do objeto, sendo enquadrados, neste caso, na estrutura ð.

- (26) Português: alto – alt-**íssimo**
- (27) Inglês: tall – tall-**er**
- (28) Apurinã: *pataka* – **pa-pataka** ‘muito quente/quentíssimo’
 ser.quente – VBLZ.INT-ser.quente

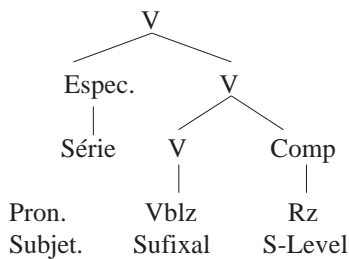
Outro morfema derivacional que possui características semelhantes às dos adjetivos é o Privativo **ma-** (conferir exemplos 5a, 5b), que deriva o antônimo dos verbos descritivos objetivos.

- (29) Português: feliz – **in-feliz**
- (30) Inglês: happy – **un-happy**
- (31) Apurinã: *tima* – **ma-tima** ‘lento’
 ser.ligeiro – VBLZ.PRIV-

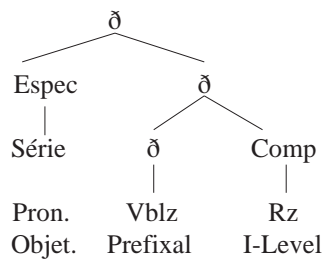
Uma vez que esses morfemas exclusivamente recorrentes com os verbos descritivos objetivos, apresentarem propriedades semelhantes às que são encontradas em adjetivos, nos permite afirmar que de fato eles são o núcleo da categoria δ , uma vez que esse lugar só pode ser ocupado, segundo Hale e Keyser (2002), por morfemas com propriedades adjetivas, como o grau.

O fato de ambos os núcleos (V e δ) gerarem, nos termos de Hale e Keyser (2002), duas posições argumentais, confirma a hipótese levantada por nós de que a morfologia derivacional (prefixal vs sufixal) seleciona uma raiz com uma semântica aspectual específica (duradoura vs passageira), e forma com ela um tema verbal (Rz-Vblz/Vblz-Rz) – cuja raiz ocupa, na estrutura, a posição de complemento – que seleciona, a série pronominal (objetiva vs subjetiva) – que figura como especificador – a ser afixada no verbo derivado. Isso pode ser visto nos diagramas abaixo:

(32) V. Descritivos Subjetivos



(33) V. Descritivos Objetivos

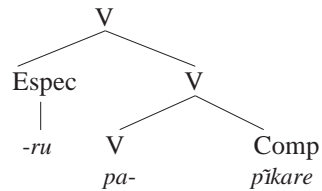


Embora as conclusões sejam as mesmas, os caminhos e as consequências são um pouco diferentes, pois, como dito anteriormente, o núcleo V projeta o complemento e os dois juntos projetam o especificador; enquanto que o núcleo δ sozinho projeta ambas as

posições: especificador e complemento. Como dito anteriormente, Hale e Keyser (2002) consideram que a estatividade não é uma característica dos núcleos, mas sim das construções formadas por sua fusão. Nesse sentido, os verbos descritivos ambivalentes podem ser considerados pares mínimos, representantes expoentes da oposição “coincidência central ‘vs’ coincidência terminal”, que é fundamental para determinar a (não-)estatividade dos predicados (p. 221).

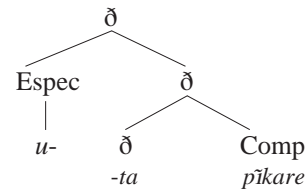
V. *Ambivalente (Subjetivo)*

- (34) *u-pĩkare-ta*
3SG.F-medo-VBLZ
'ela está com medo'



V. *Ambivalente (Objetivo)*

- (35) *pa-pĩkare-ru*
VBLZ-medo-3SG.F
'ela é medrosa'



Como consequência de agrupar cada tipo de verbo descritivo em uma estrutura argumental diferente, teremos que considerar que os verbos descritivos subjetivos, projetados pela estrutura V, são predicados deadjetivais, já que envolvem uma coincidência terminal. Enquanto que, os verbos descritivos objetivos, projetados pela estrutura ð, serão considerados predicados do tipo *small clause*, uma vez que envolvem coincidência central, identificando seu o argumento com o próprio predicado, tal como prevê a teoria de Hale e Keyser (2002).

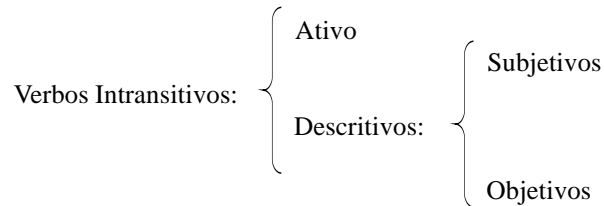
7. CONCLUSÃO

Neste trabalho, mostramos que, em Apurinã, os verbos intransitivos descritivos são uma classe semântica que se opõem aos intransitivos ativos, pelo seu caráter mais estativo.

Tabela 02: Aspectos Semânticos dos Verbos Intransitivos

Intransitivos Ativos	Intransitivos Descritivos	
Ação, Evento, Processo	Subjetivos	Objetivos
	Estado Passageiro	Estado Duradouro

A hierarquização semântica dos verbos intransitivos na língua Apurinã é:

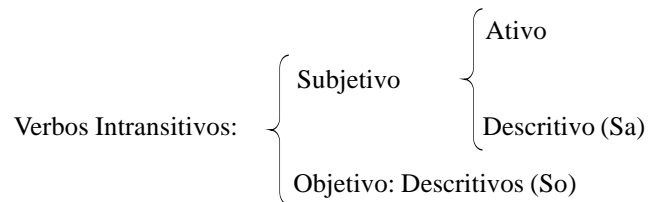


No entanto, em termos formais, observamos maior identidade dos verbos descritivos subjetivos (VDS) com os verbos intransitivos ativos (VIA), do que com os verbos descritivos objetivos (VDO). Podemos citar como semelhanças entre os VDS e os VIA, (i) o fato de ambos serem completados apenas pelos pronomes de sujeito; e (ii) o seu processo derivacional através do sufixo *-ta*. Os VDO são completados pelos pronomes de objeto e sofrem derivação prefixal.

Tabela 03: Aspectos Gramaticais dos Verbos Intransitivos

Intransitivo Padrão	Descritivo Subjetivo	Descritivo Objetivo
Verbos que carregam marcas pronominais de sujeito (Sa)		Verbos que carregam marcas pronominais de objeto (Sp)
Processo derivacional sufixal		Processo derivacional prefixal

A hierarquização gramatical dos verbos intransitivos na língua Apurinã é:



Dentre as diferenças apontadas entre os VDS e os VDO estão:

Verbos Descritivos Subjetivos

- São predicados *Stage-level*
- Envolvem coincidência terminal
- São incoativos

Verbos Descritivos Objetivos

- São predicados *Individual-level*.
- Envolvem coincidência central
- São copulativos

Tais diferenças nos levaram a concluir que esses verbos são projetados por estruturas argumentais distintas. Os VDS são projetados pela estrutura V; e os VDO são projetados pela estrutura ð.

Com base em cada uma dessas estruturas, pudemos explicar como o processo morfológico de derivação é responsável pela semântica expressa pelo tema verbal, gerado a partir da fusão (*conflation*) entre o complemento e o núcleo da projeção. Esse tema verbal, dependendo da semântica (passageira ou duradoura), seleciona uma série de afixos pronominais que definem o tipo de verbo finalmente gerado - subjetivo ou objetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYBEE, Joan (1985) *Morphology*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- CARLSON, Gregory (1977) *References to kinds in English*. Tese de Doutorado. University of Massachusetts at Amherst.
- CHAGAS, Angela (2007) *Aspectos Semânticos e Morfossintáticos das Palavras Descritivas Apurinã*. Dissertação de Mestrado em Letras. Belém, PA. Centro de Letras e Artes: Universidade Federal do Pará (UFPA).
- CHIERCHIA, Genaro (1995) Individual-level predicates as inherent generics. In Gregory N. Carlson; Francis Jeffrey Pelletier (eds.) *The Generic Book*, pp. 176-223. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- COMRIE, Bernard (1976) *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DIXON, R. M. W. (1994) *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1981) *Where have all the adjectives gone? – and other essays in semantics and syntax*. Berlin, New York, Amsterdam: Mouton Publishers.
- FACUNDES, Sidney (2000) *The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)*. Tese de Doutorado. Buffalo: University of New York.
- FRAWLEY, William (1992) *Linguistic Semantics*. New Jersey: LEA.
- HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (2002) *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Massachusetts: MIT.
- KRATZER, Angelika (1995) Stage-level and individual-level predicates. In Gregory N. Carlson; Francis Jeffrey Pelletier (eds.) *The Generic Book*, pp. 125-175. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- PAYNE, Thomas (1997) *Describing Morphosyntax: A guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHIEL, Juliana (2004) *Tronco Velho: histórias Apurinã*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- VAN VALIN, Robert D.; LaPOLLA, Randy. (1997) *Syntax: structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VENDLER, Zeno (1957) *Linguistic in philosophy*. Ithaca: Cornell Univeristy Press.
- Site consultado:** < <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/apurina/1512>>
Acesso em: 09/01/2012

ABREVIATURAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
Adj	adjetivo
AUX	verbo auxiliar
Comp	complemento
Espec	especificador
F	feminino
M	masculino
P	preposição
PFV	perfectivo
PL	plural
Pron	pronome
Rz	raiz
SG	singular
SN	sintagma nominal
TEMP	marcador de tempo
V	verbo
VBLZ	verbalizador

Recebido 11/1/2012

Versão corrigida: 24/2/2012

Aceito: 30/3/2012